

## SIGNIFICADO NÃO ANSIOSO DOS FATORES “LUMINOSIDADE” NA PROVA DE RORSCHACH\*

ANÍBAL SILVEIRA

*Instituto Neuro-Psiquiátrico*

*Fundação Américo Bairral, Itapira, SP, Brasil*

Quando na prancha de Rorschach o examinando seleciona variações de tonalidade como determinante da associação, classificamos a este fator como “luminosidade”. Em termos gerais, essa concepção dos fatores associativos e a própria designação deles correspondem àquilo que Rorschach<sup>17</sup> exprimira com o símbolo F(Fb)<sup>2</sup>, F(C) na versão francesa<sup>b</sup>: “F(Fb) 6, quer dizer, 6 respostas nas quais não foram as gradações de cor, mas as de claridade e sombra (Helligkeits- und Schattenwerte), que constituíram os determinantes principais” (a, pg. 200; b, pg. 216). E adiante: “Predominam aí as respostas FFb com Fb entre parênteses, isto é, interpretações nas quais não propriamente os valores cromáticos mas os de claridade e sombra foram os decisivos” (a, pg. 205; b, pg. 222). Em numerosos passos menciona Rorschach esse mesmo componente como “efeito de luz” ou “luminosidade” (Wirkung der Schattierung, pg. 196; Helldunkel, pgs. 197, 211, 221, 227; Schwarzweissdeutungen, 212).<sup>17a</sup> Baseados em Rorschach, todos os autores—à exceção única de Beck<sup>1-3</sup>—cognominam tais determinantes “claro-escuro”. Pessoalmente, não adotamos esta denominação por três motivos. Primeiramente, o termo, em realidade, tomado à pintura, corresponde a “efeito de luz” ou “luminosidade”, que aliás abrangem maiores variações que o “claro-escuro” estrito. Em segundo lugar, o que o examinando seleciona como determinante da resposta respectiva são de fato gradações de luz; Beck também a classifica como “light determined”<sup>1-3</sup>, ou motivada por “variações de luz”<sup>2-A</sup>. Finalmente, nosso termo “luminosidade” abrange não só os meio-tons, isto é, variações de cinzento, mas ainda o branco—selecionado como intensidade máxima de luz—e o preto, interpretado por vezes como escuridão ou trevas, ou como superfície negra. Isto, aliás, está explícito na classificação F(Fb) originária.

Duas outras ordens de consideração fazem com que não adotemos para os fatores em causa o termo “claro-escuro”: podem eles surgir também na interpretação de manchas coloridas e, por outro lado, o que deve definir o determinante é o dinamismo psicológico, não o tipo do estímulo objetivo, mero ponto de partida.

\*Apresentado à Jornada Brasileira de Rorschach, São Paulo, a 14-11-66.

Efetivamente, entre as 6 respostas que Rorschach, classificara F(Fb), duas interpretavam mancha colorida: “aqui, tipicamente a costa norueguesa” à prancha IX, e “costa abrupta em que as ondas se quebram” à prancha X (pgs. 198 e 199)<sup>17a</sup>. “Como se pode prever, as figuras IV, V, VI são a fonte principal de respostas Y e a elas se seguem I e VII. Mas mesmo as coloridas propiciam tal reação ocasionalmente” (Beck <sup>2-A</sup>, pg. 111). Da mesma forma geral se exprimem Klopfer e colaboradores: “Os matizes escuros e claros aparecem nas dez lâminas. Nas manchas brilhantemente coloridas, os efeitos de claro-escuro ficam eclipsados, em geral, pelos efeitos cromáticos. Em algumas das lâminas acromáticas assumem maior predominância ou provocam maior número de respostas, em especial nas de no. IV e VI” (pg. 104)<sup>9b</sup>. E ainda: “Respostas de sombreado incluem aquelas em que o examinando usa os tons mais escuros e mais claros da área cinzenta e também das áreas coloridas, para produzir um dos três efeitos principais seguintes” (pg. 126)<sup>10</sup>. Individualizando, diz Loosli-Usteri<sup>11</sup>: De outra parte, parece-me lógico considerar como F(C) a interpretação de certas manchas coloridas que não se baseie na cor mesma, porém em diferentes matizes desta. Exemplo—Prancha X (róseo): “Ilha em uma carta geográfica; vêem-se bem os rochedos alcantilados”. A delicadeza de percepção é a mesma [que no caso de fator transparência]” (pg. 80. Parêntese do original; entre colchetes, explicação nossa). Nas expressões aqui transcritas de Beck e de Klopfer<sup>2a, 9b</sup> não fica claro se se referem os autores a manchas coloridas ou apenas a manchas não cromáticas nas pranchas em cor; mas os exemplos concretos do texto, em ambos os casos, revelam classificação V, Y, T (pgs. 115, 123)<sup>2-A</sup>, ou FC, Fc, K (pgs. 220-234)<sup>9b</sup>, respectivamente, em áreas coloridas.

Quanto ao outro aspecto que há pouco mencionamos, o dinamismo psicológico dos determinantes das respostas, em geral, não é cabível discutir nesta comunicação. Lembremos apenas, para tornar claro o nosso modo de classificar, que o determinante não é função direta da natureza do estímulo, isto é, da área interpretada. Tal princípio, que adotamos explicitamente, prevalece também, pelo menos de modo implícito, na concepção de todos os autores quanto aos fatores associativos do Rorschach, em geral. Basta lembrar que em hipótese contrária toda resposta às manchas coloridas seria necessariamente FC ou talvez CF e, além disso, não existirá resposta C, pois cor pura é abstração; e que, de igual modo, não haveria possibilidade de surgir o determinante “movimento” em prancha alguma. No caso particular dos fatores “luminosidade”—para os autores em geral, a partir do próprio Rorschach<sup>17</sup> e de Binder<sup>1</sup>, “claro-escuro”—parece que esta última denominação resultou da conjunção de duas circunstâncias: a) nas pranchas monocromáticas é que os matizes de tonalidade se tornam

mais evidentes e despertam assim mais freqüentemente as reações classificáveis nessa rúbrica; b) tais pranchas solicitam mais fortemente as emoções, as quais, como logo veremos, determinam o recurso a essa classe de fatores associativos.

O efeito emocional das manchas escuras e negras da prova foi especificamente investigado por Mohr<sup>12</sup>, o qual verificou dois tipos de reação, por vêzes no mesmo examinando: "Dos casos examinados resulta que o tom preto representa certo valor simbólico. Pelo significado positivo, a cor negra é para as pessoas algo firme, solene, inalterável. Pelo negativo, culpa, rebeldia, angústia e punição (pg. 34)<sup>12</sup>. Embora real, semelhante nexos emocional consciente—cuja discussão deve ficar para outra oportunidade—não constitui o elemento primacial na formulação da resposta. Para que o determinante "luminosidade" seja empregado, é necessário que haja gradações na mancha. Isto explica a ausência do fator em causa nos protocolos tomados com os borrões originais, em que os tons eram uniformes, como é sabido. É o caso dos que Rorschach<sup>17</sup> publicou como "Exemplos" 1.-28. (pgs. 134-189<sup>a</sup>, 136-199<sup>b</sup>). É o que nos permite supor também que dentre as magistrais análises do grande inovador publicadas por Schneider<sup>19</sup>, a do caso III se reporte à coleção original, ao passo que provavelmente as de II e IV se refiram à coleção impressa, como o foi seguramente a de no. I dêse trabalho (pgs. 5-16) e de artigo precedente<sup>18</sup>. Assim, a atitude psicológica consciente, ante as pranchas monocromáticas, explica apenas uma parte da reação mencionada por Loosli-Usteri: "Há indivíduos que têm certa predileção pelos matizes de cinza e preto. Por vezes os interpretam com real prazer, porém muito mais freqüentemente com relativo abatimento; entretanto, em ambos os casos, cada pormenor é minuciosamente ressaltado. São sempre interpretações finamente matizadas, cuja forma é quase sempre precisa. Geralmente essas interpretações, designadas por F(C), se referem a porções pequenas da mancha" (pg. 79). Em nosso entender, não são os estados de humor nem a delicadeza da matização o que deve determinar a classificação de fatores. São, antes, os dinamismos subjetivos, como acentuam Klopfer e colaboradores: "Importa fundamentalmente distinguir o emprêgo do claro-escuro em impressões de superfície e em profundidade. Ao que parece, êsses dois processos constituem pólos opostos de uma série contínua de diferenças qualitativas no uso dos efeitos do claro-escuro" (pg. 104)<sup>9b</sup>. Em outro volume: "Se o sombreado se usar como determinante, será de interesse saber como se combinou com a forma (isto é, usos diferenciado e não diferenciado do sombreado); e se o sombreado sugeriu textura, paizagem, difusão, ou a redução de conceito tridimensional a um plano bidimensional" (p. 345)<sup>10</sup>. Parêntese do original).

Parece-nos, como acima dissemos, que essa diversidade na ma-

neira de selecionar os nexos associativos—no caso vertente, baseados nos efeitos de luz—é que deve caracterizar os determinantes respectivos das respostas. Nêsse processo, em relação a cada resposta, o examinando pode seguir o método peculiar à maioria da população—tornando-se portanto objetivo—, ou agir de modo subjetivo, ou ainda situar-se a meio-caminho, de fôrma a destoar menos de população média. Por outro lado, bastam êsses três níveis ou graus de variação, como logo diremos, para situar qualquer dos fatores determinantes com relação à escala de objetividade da reação psicológica por êles subentendida. Isso corresponde exatamente ao sentido da escala cromática de Rorschach<sup>17</sup> e, em referência ao elemento “luminosidade”, da que foi estabelecida por Binder.<sup>4</sup>

Nossa escala de fatores “luminosidade” adapta, em essência, o determinante complexo F(Fb)<sup>17</sup> de Rorschach e a série Hd de Binder<sup>4</sup>, desdobrando-os sob a luz dos princípios que adiante mencionaremos e levando em conta as elaborações de Beck<sup>1</sup> e de Klopfer<sup>9</sup>. Indicaremos logo os motivos que nos conduziram a essas modificações, dos quais resultam divergências—em geral meramente formais—entre a nossa notação e os sistemas em vigor. Antes, porém, cumpre resumir o critério que adotamos na classificação dos determinantes em causa, para efeito de comparação. Como princípio geral, estabelecido para todos os componentes da prova, a versão que utilizamos desde o início e que tornamos pública em 1943<sup>20</sup> procura identificar cada categoria pelo significado psicológico fundamental, obedecer ao gênio do vernáculo—conservando, sempre que possível, a nomenclatura originária—e usar critério uniforme para cada abreviatura ou cada símbolo. Em relação a êste último aspecto, “procuramos utilizar a inicial do termo ou se necessário a inicial das sílabas mais características, ou ainda a abreviatura comum” (pg. 9)<sup>22</sup>. Além disso, em relação a cada determinante—com exceção das fôrmas e das respostas cromáticas—empregamos inicial maiúscula para o caso mais freqüente, minúscula para o que é menos encontrado e minúscula com índice “linha” (itálicos) para o tipo mais subjetivo.

Em relação ao grupo de fatores a que se reporta a presente comunicação, está em causa a seleção de “luminosidade” como determinante da resposta. Daí simbolizarmos com a letra “êl” a êste grupo. À luz da psicologia genética, fica fora de dúvida que a busca e a utilização dos efeitos de “luminosidade” no mundo ambiente decorrem de dinamismo emocional. E o equivalente dessa dinâmica psíquica, na prova de Rorschach, consiste em dar corpo a fôrmas reconstituindo-as através dos tons apreendidos: é o caso mais freqüente na população média. Menos encontrado é utilizar as gradações de luz como impressão de relêvo ou de textura. Situa-se no pólo francamente subjetivo das reações emocionais empregar “apenas o valor luminosidade,

sem participação da fôrma ou sem contemplação para com ela" ou exprimir com êsse determinante a transparência, "a sensação táctil de maciez ou a ausência completa de estrutura" (página 139)<sup>23</sup>. Para identiñcar essas três eventualidades adotamos respectivamente L, I e l' em nossa notação. Não importa, para efeito de classificação, se a resposta respectiva se refere à prancha toda, a pormenor primário, a pormenor secundário, ou mesmo a espaço em branco. Outra maneira de se exprimirem estados emotivos na prova de Rorschach, a incorporação dos tons acromáticos—para nós desde o branco e o cinza até o preto—à forma, globalmente, na interpretação. Como indício que é do amadurecimento emocional, tal determinante cabe na mesma vertente que as "gradações de luz"; porém não o designamos com "éle"—pois não consiste em utilização de matizes mas em variante de côr, segundo postulou Rorschach<sup>17, 18</sup>—e sim com C'. Devemos acentuar que C' em nossa classificação inclui necessariamente a fôrma: do contrário, o determinante seria l'<sup>21</sup>.

Como exemplos concretos transcrevemos as respostas seguintes com a respectiva classificação, todas de um mesmo protocolo (no. 1.147)\*\*:

C'—"Prancha II: "[Posição invertida] Estou vendo até pegadas de sangue no campo sujo de óleo (vermelho superposto a P6). Deprimem um pouco o preto e o vermelho . . ." (I: "Todo êsse campo escuro [P6]. Não isto, nem isto [P,26, 3]"): R 11) P CF sg e 12) P C' ab [Desdobrada]".—Prancha III: ". . . [Posição invertida] Vejo uma radiografia de novo (P 7)". (I: De bacia, como a outra [alusão a IG, R 8]), mas aqui chama mais a atenção por causa do branco [isto é, de E, 23 e 24, circundante]"): R 15) P C' an". ". . . [Ainda invertida] Ou também uma montanha, com neve (P 11 + E 24)". (I: À grande distância as rochas aparecem negras e fica saliente a neve que recobre"): R 18) P Ps ggr e 19) E C' pz [Desdobrada]55 . . . [Em posição normal] Também o pico de uma cratera, ou vulcão, com erupção. Fogo no meio, lavas negras ao redor, e fogo dos lados (G)". (I: [Não GE: Acentua as labaredas]): R 21) G CF (C') ggr"—Prancha IV: ". . . [Bórdo superior à direita] Impressiona menos porque tem uma côr só: não tem vida, é meio estática (Comentário? R?) (I: "Foi como eu interpretei. A côr negra, com nuances de cinza e preto, sugere que é uma figura estática"): R 28) G C' ab"—Prancha V: [Bórdo superior à esquerda] Me lembra uma coisa que eu fazia quando pequeno, na escola: um pingo de tinta no papel, e dobrava" (Discrição? R?) (I: "Fiz muito disso. Ficavam manchas caprichosas

\*\*G = resposta global; P = pormenor primário; p = pormenor secundário; E = espaço em branco; R = resposta(s); V = interpretação vulgar. I = dados do inquérito. Seguimos as tabelas de Beck 1-3 para F+, F-, P, p, E, V. O número que precede a classificação indica a ordem de R no protocolo. Texto e inquérito em transcrição literal. Entra colchetes, explicação nossa nesta publicação.

que me lembravam essa [G]): R 41) G C' art" . . . "Poderia ser uma fotografia em infravermelho, tirada à noite" (I: Fica mais um vulto escuro que uma boa fotografia [G]: R 42) G C' art"—Prancha VIII: ". . . [Bódo superior à esquerda] Poderia ser também uma parte de um campo, quando a neve começa a se derreter e aparece um pouco da terra por baixo (P 4, 5)" (I: "Campo, porque a neve forma um lençol; a côr fundamental já não se distingue"): R 81) P C' nat" . . . "[Posição normal] Acho muito bonita esta parte do meio (P 8), com o branco como neve (E 28, 32) o capim em verde, as manchas amarelas e rosa como se fôsem flôres vistas de longe, flou (P 2, 1)" (I: "[GE] Uma paisagem de inverno"): R 91) GE (C') pz".

L, l, l'—Prancha IV: ". . . [Posição invertida] Aqui no centro uma erupção ou explosão violenta—um typhoon ou uma bomba atômica (G)" (I: Estas várias zonas disseminadas, os torvelinhos. O campo todo escuro"): R 29) G (Lm') nat e 30) P l' ab [Desdobrada]". Também lembra a finura de um vaso chinês. Ou talvez um vaso gótico (P l)" "1: Inclusive pelo tom marmóreo"): R 31) P F + (l') art . . ." "[Ainda invertida] Também lembra daqueles papyrus, que estão crestados, meio enrolados (P 2 + 7)" (T: "Dobrado sôbre si mesmo por ter estado séculos enrolado"): R 36) P l ant"—Prancha VI "[Invertida] Lá vai a pele de urso de nôvo (G)" (I: "Pelas pro-pocções e porque é peluda"): R 50) F + (1) A V" "Vejo também uma solução aquosa imprensada entre dois vidros, como se usa para o microscópio (G)" (1: "Espelha-se assim e a suspensão aparece por transparência"): R 51) G F+ (l' ci) . . ." [Bódo superior à direita] Lembra também um campo magnético, visualizado com limalha (P l)" (I: "Pelos tons mais claros e mais escuros disseminados"): R 57) P l' ci" . . . "[Invertida; afasta] Lembra talvez algum tecido atacado por vírus, com essas aglomerações (P 4)" (I: "Visto ao microscópio aparecem em relêvo"): R 62) P l ci"—Prancha VII: "Pode ser um crustáceo, com parasitas em cima (P 5)" (I: Aglomerados aqui e ali"): R 71) P l A" . . . "[Posição normal] Vejo como uma imagem mal focalizada, em que aparece a imagem e ao lado como uma sombra—como um aparelho de TV mal focado (P 3)" (I: "Nem se pode ver a imagem; fica borrada, confusa"): A 75) P l' art"—Prancha VIII: "Aqui parece um sorvete, que começa a escorrer (P 4 + p22)" (I "Não é bem abacate. A consistência, é amorfo . . ."): R 90) P CF (l' al) . . . "Parece que há muita transparência no conjunto todo: côres encobrem outras, mas não impedem de se vêr" (R? Comentário?) (I: "Imagino como aplicadas. Fica transparente e as côres de baixo quase que aparecem [G]"): R. 92) G l' (C) art"

Selecionamos êsse extrato, porque nos enseja mostrar também uma das condições para a utilização dos fatores "luminosidade". Co-

mo lembramos em outra oportunidade<sup>23</sup>, quando há grande produção de associações—no caso, R = 128—os elementos menos comuns da prova podem emergir, sem que isso implique dinamismos anormais quaisquer. Conforme aqui se verifica, só classificamos C' quando há participação da fôrma, de modo explícito ou implicitamente; se esta não ocorrer, a notação será l', segundo mencionamos há pouco.

Tal como a definimos, a série "luminosidade" já se encontrava descrita na publicação póstuma de Rorschach<sup>17</sup>, em relação ao caso Rorschach-Oberholzer (pgs. 193-227, a; 204-251, b). Estabeleceu êle aí a denominação "sombreado" ou "claro-escuro", que sintetizou em F(Fb), conforme a descrição aqui traduzida de início. Todavia, nossa escala corresponde sômente a uma parte do complexo F(Fb): aquela que ficou apenas subentendida na "análise às cegas" em questão, bem como na classificação das respostas em que esta se baseara. Efetivamente, as 6 interpretações aí apuradas como F(Fb) assim se distribuíram pelas pranchas, segundo a ordem de seqüência: Prancha II, R no. 2; IV, no. 1; VII, no. 2; IX, no. 3; X, ns. 5 e 7 (pgs. 197-199, a; 209, 210, 212-214 b). Tôdas elas acentuam a sensação de terceira dimensão, o que para nós constitui escala à parte, de "perspectiva". Entretanto, o aspecto de "luminosidade" de F(Fb) é acentuado no texto e mesmo mencionado em outras respostas do referido protocolo. Estas seriam por ordem de seqüência: I, 3., 4. (pg. 196, ou 208); II, 3. (pg. 197, ou 210); VI, 2. (pg. 198 ou 211). Da primeira, diz Rorschach: "3. 'Um esqueleto envolvido por um véu leve': D F + anatomia". E ao classificá-la, a seguir: "*Seria possível que o momento cinestético também estivesse em jogo aqui, porém issó é incerto; e o mesmo vale para o efeito de sombreado ('véu'). Quando ficar duvidoso, dessa maneira, se ocorre apenas a apreensão da fôrma ou uma percepção combinada, só o que resta a fazer é classificar provisoriamente F e corrigir eventualmente a notação*" . . . (pg. 196, a. Grifos desta tradução; parêntese do original). Se a tomada de protocolo tivesse cabido a Rorschach, não haveria por certo ficado a dúvida, e a apuração seria provavelmente ((Fb), em nossa notação C', ou F + (l'), dependente do inquérito. Assim também a resposta seguinte, I, 4., que associa a precedente à primeira interpretação da prancha—"o morcêgo e o esqueleto envolvido em véu" (pg. 196)—seria classificada F(Fb) em vez de F: lógo, C' de nossa notação. Nas outras duas respostas que citamos, II, 3. e VI, 2., teríamos os fatores l' e l, respectivamente, pelo menos em caráter adicional. A primeira delas, "no vermelho, aqui, fogo de que se desenvolve fumaça, a qual se avoluma para o alto, onde as chamas surgem novamente" (pg. 197) foi classificada "G CF fogo e fumaça": na dependência de inquérito, poderíamos ter aí G CF (C') fg ou mais provavelmente, por desdobramento, G CF fg e P ps (l) fg. Na outra, haveria por certo l adi-

cional: VI, 2. "Isto é como a pele de um carnívoro, com o desenho da coluna vertebral muito acentuado". A classificação originária corresponde a G F+ (l) A V.

A "análise às cégas" publicada por Schneider<sup>18</sup> como caso I das "Elaborações de Hermann Rorschach em original"<sup>19</sup>, deve ter precedido a do caso Rorschach-Oberholzer, pois não apresenta a apuração F(Fb), embora ocorra aí uma vez o determinante "F(FbF)", não computado na súmula original. Entretanto, Rorschach refere: "Nêsse sentido fala a circunstância de que várias vezes ocorrem também o preto e o branco como valores cromáticos" (pg. 10).<sup>19</sup> Apurando sob o nosso critéria as respostas classificadas adicionalmente por Schneider pelo sistema de Binder, teríamos nêsse protocolo várias instâncias de C', L, l e l'. Por exemplo—à prancha IV em conjunto: "Credo! outra vez tudo negro. A primeira impressão, pensamentos de morte: carro fúnebre, cavalos atrelados, esquife negro . . .". No original, "G Fb Abstraktion", anotado adicionalmente" (G Hd Abstr.)" por Schneider (pg. 6)<sup>19</sup>: provavelmente G C' ab, para nós. Provavelmente, porque não dispomos de inquérito. Teríamos também C' como determinante de R 5. à prancha VI—"lanternas no escuro" "Dd (FbF) Laterne", (Dd HdF Laterne), e para nós P C' obj. Em relação à prancha I, R 4.—"Perfil de Zeus, e carruagem de núvens com Deus" Dd F+ Sz Orig.+", (Hd)", desdobraríamos em P L pH, e p ps(l') nv; finalmente, R 11.—"Papai Noel com casaco de pele e a mão levantada", "D B+ M V", "(Hd)", consoante o inquérito seria P M(l) H, ou P F+(l) H.

Ao reavaliar com extraordinária penetração o fator complexo F(Fb) de Rorschach, Binder<sup>4</sup> delimitou-lhe a acepção em dois sentidos: admitindo sob tal rúbrica, sómente, os matizes do sombreado, em que pequenas áreas se articulam entre si mediante êsse efeito; e isolando como série à parte as variações de luz, a que chamou "Hell-dunkel" (pgs. 21-30). Reservou assim ao componente F(Fb) acepção mais restrita que a de Rorschach: é necessário ter sempre em mente essa diversidade de concepção, como salienta Bohm (pg. 58)<sup>5</sup>. À outra parte de F(Fb) estabeleceu como escala de três níveis segundo a participação da fôrma no processo: FHd, HdF, Hd. É a esta série que corresponde aproximadamente nossa escala de "luminosidade", porém com várias restrições: não correspondem ponto por ponto L e FHd, l e HdF, l' e Hd. Em primeiro lugar, nosso critério fundamental não consiste na associação à forma, porém na maneira como as gradações de luminosidade se utilizam para evocar a resposta. Como Rorschach e a maioria dos autores, consideramos o branco e o preto—no psicodiagnóstico—variantes da *côr* em sentido habitual: daí anotarmos a respectiva resposta como C' se a fôrma estiver incluída, ou como l' no caso contrário, porque nesta hipótese o determinante



foi apenas o efeito de luz. Binder (pgs. 21, 26)<sup>4</sup> os considera côr habitual—F<sup>b</sup>—, ou mesmo deixa de considerá-los e apenas anota a *fôrma* (25, 26)<sup>4</sup>. Além disso, apuramos l' o fator "transparência", que Binder exclui da própria escala (pg. 26); e em várias instâncias em que aquêlê autor classificou HdF, ou Hdd, teríamos C'. Estão neste último caso "ave de rapina, preta" e "espantalho com cabeça pe dano preto", ambas FHd no original; e "nuvem de tempestade" HdF—a qual poderia ser também, conforme o caso, ps(l'). Por outro lado, nossa série é mais restrita que a de Binder: situamos em outra escala—porque expressos pelo fator "perspectiva", Ps—os determinantes de resposta como "ruínas de um burgo, sôbre rochedos"—FHd; "montanha coberta de mata preta"—HdF; "ondas que se quebram"—Hd.

Insistimos na comparação com os valores Hd de Binder porque foram êstes que serviram de ponto de partida para os diversos autores em relação ao tema da presente comunicação. Referimo-nos especialmente às séries *c* e *k*, parcialmente a CI, de Klopfer<sup>9</sup>, *Y* e agora *T* de Beck<sup>1-3</sup>, Clob e em parte F(C) de Loosli-Usteri<sup>11</sup>, *C'e* em parte *c*, bem como *C'w*, de Piotrowski<sup>14</sup>. Outros autores—ver Quadro I—adotaram a série simplesmente como Bohm<sup>1-6</sup>, ou lhe adaptaram abreviatura, tal como Guirdham<sup>7-8</sup> ou Vernon<sup>12</sup> ou a exprimiram com símbolos outros—Ombredane e Canivet<sup>13</sup>, por exemplo. Não cabem aqui a discussão de todos êsses dados e a comparação com nossa escala correspondente.

Da excessiva diversificação que Klopfer<sup>9</sup> estabelece em relação aos fatores "luminosidade" mencionaremos aqui apenas a sensação de difusão de luz, de claridade e escuridão, e a impressão de textura. Embora mencione pólos opostos entre superfície e profundidade (pg. 104)<sup>9</sup>, no caso entre os determinantes *c*, e FK, Klopfer já não constituiu escala entre *c*, cF e Fc, nem entre *k*, kF e Fk; isto é, não divisa nêles dinamismos psicológicos diversos, mas apenas a fusão com fôrmas mais precisas ou menos definidas (pgs. 104-115<sup>9</sup>, 126-166<sup>10</sup>). Deixa, assim, de haver aí correspondência exata para com L, l e l' da nossa notação: "pele de animal" em que se acentua o aspecto pelagem, para nós l, poderá ser cF se a fôrma fôr inadequada ou imprecisa, Fc se a fôrma da mancha se adaptar bem à do animal mencionado, simplesmente *c* caso não haja menção da fôrma. Radiografia—que classificaremos C' se determinada pelo contôrno e pelo efeito de luz, L se as estruturas fôssem divisadas mediante as diferenças de tom, ou apenas l' se a interpretação não dependesse das fôrmas, será antes kF, mas poderá ser Fk se as partes anatômicas foram bem definidas, ou k "se o conceito de Raios-X foi produzido, de maneira inespecífica, em três cartões monocromáticos", pg. 165)<sup>10</sup>.

Beck reconhecia, de início, apenas duas variedades de fatores

RESUMEN DE NOTACIÓN — 1988 (Revisado em 1988)

Sistema	DETERMINANTES		MODALIDADES		Autor(es)
	Localidade e Perspectiva	Conteúdo			
ALEMÃO		P/P	D	D	Bornbeck
		P/P	D	D	Buder Buder
ESPANHOL		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder
FRANCESES		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder
ITALIANO		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder
INGLÊS		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder
LATIM		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder
PORTUGUÊS		P/P	D	D	Buder Buder
		P/P	D	D	Buder Buder

Quadro 1 — Descrição de cada sistema para ser usado sistematicamente.

para os determinantes aqui focalizados de Rorschach e de Binder: respectivamente FV, e as gradações F-Y<sup>1-2</sup>. Mais tarde admitiu a "textura", de Klopfer, entre as questões em aberto, para discussão (pgs. 126-129<sup>2b</sup>; 290<sup>3</sup>); e enfim como série definida—FT, TF, T (pgs. 109, 121-123)<sup>2a</sup>. Também aqui não há concordância integral entre as duas últimas séries, Y e T, e nossa escala de "luminosidade". Respostas que Beck apura como Fy poderiam ser, no nosso sistema, L, o C' ou mesmo l': "Como costelas, tórax, uma radiografia" para a prancha I, "W FY+ An" (gp. 116<sup>2-A</sup>, seria provavelmente C'. Aí mesmo, "Como Raios-X de uma estrutura óssea, ou algum negócio histológico", FY para Beck, classificá-los como L, se as várias regiões fôssem identificadas pelos matizes, C' se o inquérito revelasse tratar-se de chapa radiográfica somente por ser uma região em preto e branco; ou, ainda, l' se a referência a "histológico" se desvesse unicamente à sensação de transparência, de substância hialina, sem elementos definidos. Igualmente, poderia ser C, ou L, ou mesmo F- com l' adicional—F—(l')—a resposta YF— correspondente a "Raios-X de região pélvica feminina" (pg. 117)<sup>2A</sup>. O exemplo de FY para a prancha IV (pg. 109)<sup>2-A</sup>, "pele de animal estendida, machetada como são as peles", corresponderia para nós a l' se "machetada" se revelasse como pêlos ou a l' se a menção implicasse meramente manchas de tonalidades distintas. A amostra de Y da página 120<sup>2-A</sup>, "Nublado, por causa do sombreado, não pelo formato: como núvens de tempestade", seria, quase ao certo, mistura entre sombreado, como adicional, e "perspectiva predominante sobre a forma": ps(l'). A série T constitui versão dos fatores c de Klopfer, e assim a ela se aplica, no confronto com os nossos determinantes, aquilo que dissemos há pouco.

Deixa de haver correspondência exata entre os fatores de nossa série "éle" bem como C' em nossa aceção por um lado, e os equivalentes, nêsse domínio, estabelecidos por Loosli-Usteri ou por Piotrowski. A grande pesquisadora suíça acompanha Binder não só em considerar o branco entre as cores comuns—FC ou CF—, como também na seriação Hd, que verte como Clob: FClob, ClobF, Clob, e desdobra o fator F(Fb) de Binder em F(C), (C)F e (C)—"claro-escuro minudente", e "claro-escuro difuso", respectivamente. De modo geral, a primeira destas séries corresponde à "perspectiva" em nossa aceção, e a segunda à "luminosidade"; porém, examinados individualmente os "exemplos"—pgs. 148-309<sup>11</sup>, verificamos que muita vez as categorias caberiam ora em uma escala, ora em outra, da nossa notação. Observações análogas poderiam aplicar-se ao sistema de notação de Piotrowski, o qual simplificou e redefiniu, de maneira extraordinariamente aprofundada, as categorias de Binder e de Klopfer. Isolou a interpretação de tom branco, não exatamente como côr à maneira de

Rorschach, de Binder e de Loosli-Usteri, porém como variedade especial, Cw; a reduziu as interpretações do chamado sombreado a dois pares: c e Fc para os tons de cinza, c' e Fc' para as variedades de preto<sup>14, 15</sup>. Por amor à brevidade, e tomando em consideração a implicação psicológica, deixa de considerar determinantes cF e cF'<sup>16</sup>. Realmente, encarados nessa seriação de fatores apenas a participação maior ou menor do componente forma—como fazem Klopfer e os autores em geral—, deixa de haver sentido nessa diversificação da escala. Justamente por isso difere a nossa seriação da de Piotrowski, segundo veremos rapidamente.

Como exemplos de c' Piotrowski cita “núvens negras de tormenta”, “noite tenebrosa”, “desespêro”, “neblina preta”, “carvão”, “pesadelo”; e como Fc', “borboleta preta”, “pêla escura”, “máscara hedionda com manchas pretas”, “sombra de monstro pré-histórico”, “mulher vestida de preto”, “botas de couro negro”. As citações do primeiro grupo seriam para nós l', em geral—mas a primeira delas poderia ser também C' ou ps(l'), segundo o inquérito, e a “carvão” corresponderia talvez C', com a mesma ressalva; as do segundo seriam, também em tese, C' salvo “máscara com manchas pretas” a que caberiam talvez L ou F+(l') conforme o que se apurasse como determinante. É que Piotrowski inclui nessa categoria toda associação “em que as áreas de tom cinza mais escuro ou preto são interpretadas com sentido, e em que a percepção consciente do escuro ou do preto contribuiu positivamente para o conteúdo da resposta” (pg. 255)<sup>16</sup>. Para a classificação de c e de Fc “a coexistência de vários matizes do cinza na área interpretada e no objeto perceptual constitui o traço essencial” (pg. 258)<sup>16</sup>. Entre Fc e c, a diferença está em que no primeiro caso a forma é nítida: “pêle de animal, como tapete, as pernas distendidas e a cabeça alí”, para as pranchas IV ou VI. São também Fc a maioria das respostas de perspectiva, como para a prancha II—“Um castelo no tôpo de uma montanha, com um lago na frente, e rodeado por uma floresta”. Correspondem ao determinante c “mapa topográfico”, “simplesmente uma pele de animal”, “algodão”, “cordilheira, em parte coberta de vegetação, em parte rochosa”, “Núvens de verão”, “Raios X de alguma parte do corpo, em cinza claro” (pg. 258). Na nossa classificação, algumas dessas respostas teriam como determinante a perspectiva e portanto não seriam “êlé”; outras, como as de “pêle”, de “radiografia” e de “algodão”, poderiam caber nesta rúbrica, com as ressalvas que há pouco fizemos; porém não vemos—salvo dados de inquérito—diferença entre a estrutura psicológica implicada no conceito “pêle” Fc e a de “pêle” c, aqui transcritos.

A tratar as respostas luminosidade, ou sombreado, primeiro

quanto ao aspecto tridimensional<sup>17</sup>, depois no sentido de tonalidades<sup>18, 19</sup>. Rorschach evidenciou a relação interpessoal ansiosa dos probandos em causa. A isso se pode atribuir, provavelmente, que os autores, na maioria, interpretem tais determinantes como indicadores de ansiedade. Na exposição originária, a adaptação afetiva tímida e cautelosa, com sentimento de insuficiência e de inferioridade (pgs. 205, 211-212, a; 222, 230-231, b)<sup>17</sup> estaria expressa nêsse grupo de fatores como reação emocional. Também a depressão, a incapacidade para mobilizar os dinamismos conativos—"sofropsíquicos"—em sentido construtivo (pgs. 240, 245-251)<sup>4</sup>, donde o sentido "disfórico" do emprêgo do fator "luminosidade", dariam origem a êsses determinantes. Todavia, nem aquelas interpretações, de Rorschach, nem estas de Binder, e significam que semelhantes componentes decorrem necessariamente de processos psíquicos ansiosos. Não nos parece válida a generalização feita por autores como Klopfer et al. (pgs. 268-269)<sup>10</sup>, Mohr<sup>12</sup>, e especialmente Violet-Conil e Canivet<sup>25</sup>, em sentido afirmativo, a êste respeito. O próprio Binder, na monografia principal<sup>4</sup> e em discussão citada por Piotrowski (pg. 250)<sup>14</sup>, reconhece que alguns tipos de respostas ao sombreado indicam dinamismo normal e mesmo desejável. No mesmo sentido, e acentuando a sensação de prazer, exibida muita vez, se exprime Loosli-Usteri (pg. 79)<sup>11</sup>. E Guirdham encontrou respostas dessas categorias com muito menor frequência em psicóticos deprimidos que em neuróticos e mesmo em pessoas sem distúrbios emotivos evidentes<sup>8</sup>. Segundo logo diremos, e como bem acentuaram Beck (pgs. 37-42<sup>3</sup> e Piotrowski<sup>18</sup>), só se pode apreciar a ansiedade, no psicograma, através de uma série de componentes em comparação.

Acreditamos que a interpretação dos fatores psicodiagnósticos em pauta como expressão de ansiedade seja, pelo menos em parte, devida à falta de uma concepção uniforme sobre emoção e, por outro lado à confusão entre emoções e reações emotivas anormais. Concordamos plenamente com Piotrowski: "A literatura sobre emoção—teórica, bem como experimental—é confusa devido à grande diversidade em definições, em métodos de investigação, em pacientes estudados. O termo "emoção" confere a essa vasta literatura uma unicidade espúria e não existe hoje conceito algum de emoção que seja geralmente aceito" (pg. 232)<sup>61</sup>.

Para nós, a emoção resulta da vibração afetiva ante o estímulo de tôda noção, real ou idealizada. O estímulo sensorial oriundo do meio ambiente—e isso desde a primeira atividade mental da vida extra-uterina—determina ao mesmo tempo processos intelectuais e processos afetivos, de cuja fusão, mediada pelos dinamismos conativos, resulta a percepção. Em tôda percepção existe portanto um componente afetivo, emocional, na maior parte das vêzes não cons-

ciente. Esse fluxo emocional, imanente em qualquer trabalho psíquico, constitui o estímulo para os contactos com o ambiente, estabelece o nexo para com novas noções e solicita a elaboração contínua da realidade percebida. Toda e qualquer atividade intelectual funde, em si, portanto, componentes afetivos—representados pelo menos pela emoção—, conativos, e propriamente intelectuais. Na situação experimental da prova de Rorschach, a participação desses três setores da personalidade se reflete nos vários componentes, cuja dinâmica psicológica é hoje bem conhecida. Assim como na vida cotidiana o comportamento explícito ou o trabalho mental mobilizam harmônicamente os três contingentes da personalidade, assim também na situação de prova a resposta, que surge como unidade complexa, associa os diferentes elementos psicodiagnósticos que Rorschach genialmente estabeleceu.

Nessas condições, a emoção constitui a base imprescindível do aprendizado, e acompanha o amadurecimento psicológico: é imperativo da nossa espécie que as noções se vão continuamente despreendendo dos valores emocionais, tornando-se tanto menos impregnadas de emoção quanto mais abstratas. Por outro lado, se anormalmente intenso, ou se o processo de maturação afetivo-emocional não se efetuou integralmente, o estímulo emotivo poderá desencadear dinamismos psicológicos anormais ou deturpar o trabalho mental. Tal é o caso da ansiedade. Porém, para nós, “emoção” e “ansiedade” não se equivalem. Com essa apreciação dos dinamismos emocionais e conativos integrantes do trabalho intelectual, que resumimos em 1952<sup>21</sup>, concordam plenamente as exposições de Piotrowski, em 1957<sup>16</sup>, e de Bohm<sup>8</sup>, em 1959.

Referindo-se à separação—classificação, no original—entre intelecto, conação e emoção, escreve Piotrowski: “Verificamos que essa divisãc, embora possa ser útil para muitos propósitos, não pode fazer-se com respeito à atividade motora explícita; porque, quando uma das três funções mentais é ativa, as outras duas também são ativas. A pessoa despida de emoções exibe muito pequena atividade, quer mental, quer física. A indiferença emocional reduz a atividade mental mais ainda que a física. Emoções fortes, ou—para ser mais exato— a impaciência, podem ser responsáveis por êrros grosseiros de julgamento, mas sem fortes emoções não haveria progresso intelectual nem grande eficiência intelectual”. (pg. 245)<sup>16</sup>. E Bohm ao apresentar as idéias de Binder, o que faz com muita clareza, acrescenta: “Têm elas como centro as funções reguladoras da sofropsique, discutidas no início deste capítulo. Toda a atividade menta elaborativa é interpretada como representando uma síntese entre a modelagem cognitiva sofropsíquica, por um lado, e forças emotivo-motivadoras, por outro. Esta síntese resulta em uma formação global “que é a

## SIGNIFICADO NAO ANSIOSO DOS FATORES "LUMINOSIDADE"

um tempo razão, sentimento e esforço (striving)" [pg. 14]. A função sofropsíquica de guiar, neste processo, é a de um agente de infinita plasticidade. Dirige-se contra os esforços e as emoções, tanto periféricos quanto centrais, não no sentido de negação mas no de regência [pg. 14]. Essa orientação (steering) não impede a irrupção das emoções e das motivações per se: apenas domina seletivamente a expressão franca daquelas que não podem ser eficientemente integradas em estruturas formadas racionalmente" (pgs. 209-210. Grifo no original; colchetes nossos, em lugar dos parêntese; parênteses desta versão)<sup>6</sup>.

De acôrdo com a teoria da personalidade que seguimos, êsse processo de refreamento e de retificação contínuos se fazem sob o ascendente da afetividade, da qual se originam as emoções, como dissemos; mas emoções não se reduzem a afetividade. Na prova de Rorschach essa vertente da personalidade se afere através dos determinantes cromáticos, quanto ao aspecto intrínseco ou dos sentimentos, segundo estabeleceu o criador do método, e mediante os fatores "luminosidade" com relação ao aspecto reativo, ou emocional (pgs. 239-270)<sup>22</sup>. Entretanto, do mesmo passo que as "respostas—côr", as respostas "luminosidade" podem deixar de ocorrer, mesmo em protocolo normal, por terem sido inibidas, sem que isto invalide a concepção de personalidade aqui referida. Temos como equivalentes a êsses dois grupos de fatores—isto é, um intrínseco, outro derivado da reação ao ambiente—, na vertente intelectual, os determinantes "movimento" e "perspectiva", respectivamente. Devemos mencionar aqui, embora não o possamos discutir, que chamamos "perspectiva" à outra parcela do fator originário F(Fb) de Rorschach, a que fizemos

SETORES:	INTELIGÊNCIA		CONAÇÃO	AFETIVIDADE	
	Contacto com a realidade	Capacidade intrínseca	Atividade no meio externo	Nível intrínseco	Contacto emocional
<b>Categorias:</b>	<u>Perspectiva</u>	<u>Movimento</u>	<u>Fôrma</u>	<u>Côr</u>	<u>Luminosidade</u>
<b>Níveis</b>					
2'	pe'	m'	F	C	l'
2'	ps	m	F <sup>-</sup>	CF	l
1'	Pe	M	F	FC	L, C'

Quadro II - Fatores determinantes na Prova de Rorschach <sup>22</sup>

alusão de início. As categorias “fórma” representariam o indicador psicodiagnóstico dos dinamismos conativos. Procuramos resumir essas indicações no Quadro II.

Nêsse quadro, que reproduzimos de outro trabalho<sup>22</sup>, consideramos para cada escala de fatôres associativos o nível de objetividade, que êstes traduzem, no exame da realidade exterior. Como a prova afere o comportamento psicológico do adulto, ou pelo menos da criança que já atingiu certo grau de abstração—pois do contrário a aplicação do método seria inviável—, situamos como nível 1 os determinantes mais freqüentes no psicograma do adulto: são aquêles que permitem verificação estatística. Conforme dissemos há pouco, no domínio da presente comunicação temos aí, os fatôres L e C’; no pólo mais subjetivo figura l’: nível 3, isto é, que só se exterioriza em condições psicológicas especiais. Procuramos dar idéia dessa disposição de elementos no sentido da variável subjetividade-objetividade, recorrendo a um esquema tridimensional—o da Figura 1. Sem co-centrar êsse esbôco, o que seria digressão, queremos salientar que na base do psicograma, isto é, na área mais freqüente em relação à população média, se situam F+ e os determinantes que, em nossa acepção, incluem a fórma: no caso, L e C’. A justificação dêsse conceito só poderá ser feita em outra oportunidade.

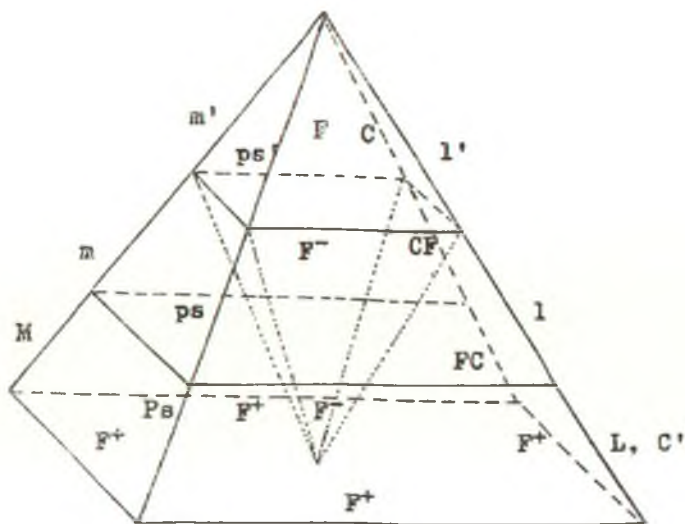
Ainda nessa representação esquemática procuramos traduzir nossa concepção sôbre a função psicodiagnóstica dos diversos fatôres associativos: na nossa opinião, cada um de per si afere *apenas o dinamismo psicológico*, dentro das várias esferas psíquicas. A maneira como cada uma destas se comporta no trabalho mental do examinando, o grau de adaptação delas na apreciação da realidade e o predomínio—normal ou anormal—de cada uma no consenso do mundo psíquico, só se podem deduzir estudando a correlação dos fatôres nas várias escalas e a das escalas entre si no conjunto do psicograma. Portanto, em nosso modo de ver, nenhum determinante, isoladamente, possui *valor diagnóstico*—Symptomwert dos autôres de língua alemã, no sentido de indicar normalidade ou estado mórbido da personalidade. Logo o veremos. Cada um dêles, porém, subentende o recurso a nexos associativos distintos, que refletem dinamismos psicológicos particulares; e corresponderia, em têrmos de psicologia genética, a fases determinadas de amadurecimento psíquico.

Como dissemos de início, os determinantes C’ e L—na nossa acepção—subentendem necessariamente a fórma, pois tanto a “luminosidade” quanto o tom “acromático” se exprimiriam por l’ se não a incluíssem. Diremos sumariamente porque assim julgamos, em função da maturação psicológica.



## SIGNIFICADO NAO ANSIOSO DOS FATORES "LUMINOSIDADE"

Pólo subjetivo



Mundo ambiente

Fig. 1.—Representação esquemática dos fatores determinantes na Prova de Rorschach<sup>23</sup>. Os que situamos no ápice, não podem ser tratados estatisticamente por serem muito subjetivos.

Desde os primeiros contactos com a realidade ambiente, movido pela impulsão afetiva, o ser humano se defronta com estímulos sensoriais simultâneos, a princípio equivalentes para o mundo subjetivo em vibração contínua. Para efeito de comunicação com a realidade—ou de “informações a codificar” consoante o calão psicológico em voga—predominam, no início, os sentidos do *tacto* propriamente (donde as noções de *fôrma*, de *relêvo*, de *continuidade da superfície*, de *aspereza* ou de *lisura*), da *calorificação* (sensações térmicas), da *musculação* (noções de consistência, de maciez, de *leveza* ou de *pêso*), sob o ascendente da *visão* (*côr*, *tonalidade de luz*, *transparência*, *fôrma à distância*, *proporção*, e mais tarde *perspectiva* mediante as fôrmas e as proporções) e da *audição* (em último estágio, noções de *espaço* e de *proximidade* ou *distância*, bem como de *tempo*, através dos sons). Nessa fase inicial, as noções são portanto sincréticas, e as sensações *tácteis*—do tegumento externo e das mucosas—constituem os principais subsídios para o mundo psíquico. Provocam, pois, maior ressonância afetiva, juntamente com o estímulo das côres e das tonali-

dades de luz, as sensações subsidiárias, dentre as quais as que há pouco enumeramos. Em casos especiais, como no eiditismo ou em solicitações emocionais muito intensas, o sincretismo sensorial ou a transformação de sensações visuais em outras podem aflorar ao nível do trabalho mental consciente. Técnicas especiais—e é o caso da prova de Rorschach, extremamente sensível—poderão surpreender tal fenômeno. Normalmente, as respostas “côr pura” e as respostas “luminosidade” sem fôrma, ou as de tipo sincrético, correspondem a tal dinamismo. Nosso fator l procura exprimir esta última condição psicológica.

À medida que se instala o senso de realidade, sob o ascendente da visão especialmente, o que é correlato ao predomínio gradual da abstração, as fôrmas do ambiente se vão definindo através das *diferenças de côr* e das variações de tonalidade: origina-se aí a separação subjetiva das superfícies, e especialmente dos sêres, como individualidades autônomas. O relêvo já pode ser inferido pela visão, sem que seja necessário o exercício do tacto. Ao mesmo tempo, a relativa estabilidade do comportamento afetivo—mais próximo já do nível adulto—faz com que a criança, em situação de prova, reaja ao estímulo cromático e aos valores de luminosidade incorporando-lhes fôrmas—donde CF e FC, C' e l, em termos de Rorschach. Vale dizer que o contacto com o mundo objetivo se reduz então à noção de sêres cuja existência é inseparável das côres e dos efeitos de luz que os configuram. Por êsse motivo, C' que traduziria êste estágio da experiência do indivíduo, inclui necessariamente a fôrma, na nossa acepção. Vemos aí o dinamismo emocional de aceitação da realidade, portanto de assimilação dos elementos de aculturação individual. Reconhecer dentro de cada superfície o relêvo valendo-se apenas da visão, corresponderia também a êsse nível de maturidade psicológica: temos que o fator l (êle minúsculo) exprime êsse dinamismo.

Com a prevalência do processo intelectual de abstração, no trabalho mental, o indivíduo dissocia os vários estímulos oriundos do mundo exterior e com êles cria novas fôrmas, ou reconstitui os sêres de maneira relativamente idealizada. Êsse trabalho mental de disjunção e de síntese, sob o ascendente do interêsse afetivo, corresponde à contínua tomada de posição nas diversas situações concretas, à atitude de prospecção e de vigilância que caracterizam a adaptação emocional às injunções da vida em comum.

Nêsse estágio, o ser humano não se limita a aceitar a realidade, mas a modifica ou procura modificá-la, a seu modo: transfere para o plano da atividade e da atuação planejada a energia mental até ali contemplativa. A carga emocional investida nesse trabalho de reconstrução—a partir de realidade, isto é, do mundo de tonalidades de luz—pensamos traduzir no fator L, na prova de Rorschach.

Baseando-nos nessas considerações, julgamos que a função dos vários determinantes da prova—nêste caso as categorias de "luminosidade"—consiste em definir o *dinamismo psicológico* implicado em cada resposta. Mesmo no caso de ser êle anormal, não implica em anormalidade da mente que a produziu. Como lembramos há pouco, é necessário comparar o conjunto de categorias da mesma escala psicodiagnóstica e relacionar entre si os fatores das várias séries para se concluir quanto à normalidade ou a perturbação do domínio correspondente. De igual modo, a direção em que se aplicam as condições psicológicas do probando, implícitas nos determinantes "luminosidade"—se no sentido da ansiedade, da depressão, da inibição, ou da expansão, da produção construtiva, do refinamento emocional—só se infere mediante o estudo de todos os dados do psicograma, tomados em conjunto.

Na nossa maneira de classificar tais respostas e de elaborar o psicograma, a ocorrência, mesmo numerosa, dos determinantes em causa, nada pressupõe de anormal, como também não o pressupõe a ausência deles, só por si. Dado o dinamismo psicológico que procuramos resumir, entretanto, é de esperar-se que apareçam e que se mantenham em proporções determinadas, no protocolo tomado em condições normais de pesquisa.

Assim, como decorrência de exprimirem a reação emocional, e portanto de se situarem na vertente afetiva da personalidade—Quadro II e Figura 1—, a utilização dos fatores em pauta nesta comunicação implica também a presença de respostas cromáticas, para que o protocolo seja normal. Por outro lado, em registro pouco produtivo a ausência dos determinantes "luminosidade", propriamente, nada significa, em geral. Todavia, C', que exprime a aceitação emocional do ambiente, e assim traduz associações necessariamente incorporadas à experiência de cada um, não deverá faltar. Se da série "luminosidade" ocorrer I', ou mesmo I, certamente L deverá ser produzido, e com maior frequência, em condições normais. E se êste último fôr anotado, haverá de ser em menor número que C', por definição: pois reflete cautela, inspeção adequada do ambiente, atitude prospectiva cuidadosa—portanto com esforço—, e C' traduz simplesmente o aspecto contemplativo de tal interpretação.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup>Beck, S. J. Personality structure in schizofrenia. *Nerv. & Ment. Dis. Monographs*. New York: 1938.
- <sup>2</sup>Beck, S. J. *Rorschach's test*. Vol. I: Basic processes—a) 1st ed. New York: Grune & Stratton, 1944. b) 2nd ed. New York: Grune & Stratton, 1950.
- <sup>2a</sup>Beck, S. J.; Beck, A. G.; Leviss, E. E.; and McIish, H. B. Vol. I: Basic processes, 3rd ed. New York: Grune & Stratton, 1961.
- <sup>3</sup>Beck, S. J. *Rorschach's test*. Vol. III: Advances in interpretation. New York: Grune & Stratton, 1952.
- <sup>4</sup>Binder, H. Die Helldunkeldeutungen im psychodiagnostischen Experiment

## Revista Interamericana de Psicología

- von Rorschach. *Schw. Arch. Neurol. Psychiat.* 30:1-67, 233-286; 1932.
- <sup>5</sup>Bohm, E. *Lehrbuch der Rorschach-Psychodiagnostik*. Bern. Hans Huber, 1951.
- <sup>6</sup>Bohm, E. The Binder chiarooscuro system and its theoretical basis, in Rickers-Ovsiankina, M. A., ed., *Rorschach Psychology*, Chap. 8:202-222. New York: Wiley & Sons, 1960.
- <sup>7</sup>Guirdam, A. On the value of Rorschach method. *J. Men. Sci.* 81:848-869; 1935.
- <sup>8</sup>Guirdam, A. The Rorschach test in epileptics. *J. Ment. Sci.* 870-893, 1935.
- <sup>9</sup>Klopfer, B. and Kelley D. M. a) The Rorschach technique. Yorkers: World Book Co., 1942. b) *Técnica del psicodiagnóstico de Rorschach* (trad. D. Carnelli). Buenos Aires: Editorial Paidós, 1952.
- <sup>10</sup>Klopfer, B.; Ainsworth, M. D.; Klopfer, G. D. and Holt, R. R. *Developments in the Rorschach technique*. Vol. I: Technique and theory. Yonkers: World Book Co., 1954.
- <sup>11</sup>Loosli-Usteri, M. *Manuel pratique du test de Rorschach*. Paris: Hermann, 1958.
- <sup>12</sup>Mohr, P. Die schwarze und dunkel Farbe der Rorschachtafeln. *Rorschachiana* II:24-36, 1957. Beiheft Schw. Z. Psychol. u. i Anw.
- <sup>13</sup>Ombredane, A.; Canivet, N. Terminologie et symboles à employer en langue française, in Bochner, R. and Helpfern, F., *Application clinique du test de Rorschach* (trad. A. Ombredane et G. Verdseaux). Paris: PUF, 1947.
- <sup>14</sup>Piotrowski, Z. A. A comparative table of main Rorschach symbols. *Psychiatr. Quart.* 16:30-37, 1942.
- <sup>15</sup>Piotrowski, Z. A. A Rorschach compendium, revised and enlarged. *Psychiatr. Quart.* 21:79-101, 1947 (2nd ed. 24:543-596, 1950).
- <sup>16</sup>Piotrowski, Z. A. *Perceptanalysis*. New York: Macmillan, 1950.
- <sup>17</sup>Rorschach, H. a) *Psychodiagnostik*, 2 Aufl., herausgegeben von Morgenthaler, W. Bern: Huber, 1932 (1. Aufl. Bircher: Bern, 1921). b) *Psychodiagnostik* (trad. Ombredane, A. et A. Landau). Paris: PUF, 1947.
- <sup>18</sup>Schneider, E. Eine diagnostische Untersuchung Rorschach's auf Grund der Helldunkeldeutungen ergänzt. *Zeit. Neurol. Psychiat.* 159:1-10, 1937.
- <sup>19</sup>Schneider, E. Original-Ausarbeitungen von Hermann Rorschach—*Rorschachiana* III: 5-24, 1950. Beiheft Schw. Z. Psychol. u. i Anw.
- <sup>20</sup>Silveira, A. Contribuição para os símbolos e o protocolo no método de Rorschach. *Rev. Neurol. e Psiquiatria de São Paulo*, 10:158, 1943.
- <sup>21</sup>Silveira, A. Chiaroscuro and perspective as Rorschach factors. 2nd Rorschach Internat. Congr.: Bern, 1952.
- <sup>22</sup>Silveira, A. Método de Rorschach: terminologia e critério. *Arq. Assist. Psicopatas, São Paulo*, 27:5-57, 1963.
- <sup>23</sup>Silveira, A. *Prova de Rorschachs elaboração do psicograma*. São Paulo: Edaneer, 1964.
- <sup>24</sup>Vernon, P. E. Recent work in the Rorschach test. *J. Ment. Sci.* 81:894-920, 1935.
- <sup>25</sup>Violet-Conil et Canivet, N. Le test de Rorschach et le diagnostic de l'angoisse. *Rorschachiana* I:78-127, 1952.

### RESUMO

Classificamos como resposta de "luminosidade" aquela em que o examinando seleciona na mancha variações de tonalidade, quer nas pranchas monocromáticas, quer nas coloridas. Ao selecionar a associação "luminosidade", pode o probando seguir o modo comum à população média, agindo assim com objetividade, ou guiar-se por valores muito subjetivos. Daí ser necessário considerar diferentes determinantes psicológicos nesse processo, com o que se constitui uma escala comparável à cromática, segundo já o estabelecera Binder.

Nossa escala de "luminosidade" difere da de Binder porque não a identificamos apenas nas pranchas monocromáticas e porque nela não incluímos os fatores relativos à terceira dimensão. A esse respeito diverge também da de Klopfer e da de todos os autores que o seguem.

Em nosso entender, os fatores "luminosidade", em sentido estrito, que correspondem a apenas parte da escala Hd de Binder, e, portanto, também do fator originário único F(Fb) de Rorschach (Quadro I), não implicam necessariamente ansiedade nem disforia. Eles aferem porém, na nossa aceção, a reação emocional aos estímulos ambientais. Dessa forma, pelo aspecto psicológico, constituem variante dos fatores cromáticos conforme Rorschach havia estabelecido para F(Fb); e porisso também os distinguimos da série "perspectiva" (Quadro II), originariamente incluída em F(Fb) de Rorschach e nas escalas de sombreado que se conhecem desde Binder. Ao aferir a emotividade como resposta às solicitações do ambiente, a escala "luminosidade" revela o grau de objetividade ou o subjetivismo investidos neste contacto. Da proporção entre os fatores determinantes situados num polo e no outro (Figura 1), em cada psicograma, é que se poderão inferir a ansiedade, ou a disforia, ou a plena adaptação às situações ambientais. Expressimos a reação plenamente adequada, em que a emoção se revela construtiva e totalmente aceitável, com o símbolo L: com as diferenças de tonalidade o probando constrói formas bem definidas e estatisticamente adequadas. Também nesse plano situamos o fator C', que diverge do de Klopfer porque necessariamente inclui forma, seja como elemento dominante, seja subordinado à "luminosidade": os valores culturais, adquiridos com o amadurecimento da personalidade, encontram expressão nesse determinante. Em pólo oposto situamos l': sensações tácteis, brilho, ou transparência, ou ausência de estrutura—ou a mera tonalidade, sem formas; em l' subentendem-se reações evasivas como fuga para com o estímulo emotivo. A meio caminho, identificamos ele minúsculo, que exprime interpretações como de relêvo, ou de textura, principalmente; vemos aí exteriorização emocional menos subjetiva que esta precedente, mas conservada também em latência nas situações habituais da vida prática.

#### ABSTRACT

We call "light values" those responses which pick up tone gradations of the inkblot, in the monotone or in the color plates. By selecting such "light" association, the subject may follow the rules met with in the average adult, therefore with an objective mind, or disclose quite subjective trends. One must consider, therefore, discrete

determining factors to describe this process, which gives rise to a scale comparable to that devised by Binder.

Our "light values" scale is different from Binders for it (a) is not restricted to the monotone plates, and (b) does not include three-dimensional connotation. In this regard it also departs from Klopfer's.

To our mind, the "light values," in this peculiar sense, correspond to only part of Binder's shading scale, hence of Rorschach's original F(Fb) factor (see Table I). As we understand them, they do not mean anxiety or dysphoria, necessarily, but the emotional reactions to outer world stimuli. From the psychological standpoint they are variants of color reaction factors according to what Rorschach said about F(Fb). On these grounds we separate such determinants from the "perspective" set (see Table II) which is included in the original F(Fb) as well as in any other group of shading determinants known since Binder.

By measuring emotional level of the reaction against the environment cues, "light values" point to objective or subjective ways of dealing with this arousal. It is from the ratio between determining factors falling in one pole and the other (Fig. 1) that we may infer anxiety, or dysphoria, or emotional adequacy with regard to life situations.

We express by the symbol L the well adapted reaction, in which emotions are used constructively and in a quite acceptable manner: here, tone gradations are combined into accurate shapes; stastically adequate. We rank also at this level the factor C', which departs from Klopfer's one for ours includes form, either prevailing or secondary as regards "light" variations: cultural endowment, acquired through personality maturation, finds expression in this determinant. On the opposite end, we fit I, emotional response quite subjective, i.e., ignoring shapes, and meaning softness or touch feelings, brilliancy, transparency, for instance: these are flight reactions to emotional stimuli. Midway between both factors we have l (small l), covering interpretations of relief or texture chiefly; this means a kind of emotional response less subjective than the preceding one but also kept at latency level in everyday life situations.

#### RESUMEN

Clasificamos como "valores lumínicos" aquellas respuestas que recogen las graduaciones de tono de la mancha de tinta, en las placas monocromáticas o en las placas de color. Seleccionando dicha asociación "lumínica", el sujeto puede seguir las reglas que se encuentran en el adulto medio, por lo tanto con una mente objetiva, o de-

mostrar tendencias bastante subjetivas. Uno debe considerar factores determinantes discretos para describir este proceso que crea una escala comparable a aquélla ideada por Binder.

Nuestra escala de "valores lumínicos" se difiere de la de Binder porque (a) no está restringida a las placas monocromáticas, y (b) no incluye conotaciones tri-dimensionales. En esto también se aparta de Klopfer.

En nuestra mente, los "valores lumínicos", en este sentido peculiar, corresponde sólo a una parte de la escala de tonalidades de Binder, por lo tanto, también del factor original F (Fb) de Rorschach (véase Tabla I). Según los entendemos, no significan ansiedad o disforia, necesariamente, sino las reacciones emocionales al estímulo del mundo exterior. Desde el punto de vista psicológico son variantes de factores de reacción a colores de acuerdo con lo que dijo Rorschach acerca de F (Fb). Basándonos en esto, separamos dichos determinantes del grupo "perspectiva" (véase Tabla II) que se incluye en el original F (Fb) así como en cualquier otro grupo de determinantes de tonalidades conocidas desde Binder.

Midiendo el nivel emocional de la reacción en contra de las señales del ambiente, los "valores lumínicos" apuntan a maneras objetivas o subjetivas de enfrentarse con esta excitación. Es la proporción entre factores determinantes que caen en un polo o en el otro (Fig. 1) del que podríamos inferir ansiedad, o disforia, o suficiencia emocional hacia situaciones de la vida.

Expresamos con el símbolo L la reacción bien adaptada, en la que las emociones se emplean constructivamente y de manera bastante aceptable; aquí, graduaciones de tono se combinan en formas precisas, estadísticamente adecuadas. Clasificamos en este nivel el factor C', que se aparta del de Klopfer porque necesariamente incluye forma, sea como elemento dominante, o sea subordinado a "valor lumínico"; los valores culturales, adquiridos con la maduración de la personalidad, encuentra expresión en esta determinante. En el punto opuesto, encajamos "l," respuesta emotiva bastante subjetiva, es decir, ignorando formas, y significando ductilidad o tacto, brillantez, transparencia, por ejemplo: estas son reacciones de vuelo al estímulo emocional. A la mitad entre ambos factores tenemos a "l" (pequeña l), cambiando interpretaciones de relieve o textura, principalmente; esto significa un tipo de respuesta emocional menos subjetiva que el anterior pero también conservados en un estado latente en las situaciones habituales de la vida diaria.